

GRAÇA FUTURA

O CAMINHO PARA PREVALECER SOBRE
AS PROMESSAS ENGANOSAS DO PECADO

JOHN PIPER

Shedd
publicações

Sumário

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO 1: Por que e como este livro foi escrito	11
INTRODUÇÃO 2: Para teólogos	23
I. UM ADVERSÁRIO DA FÉ NA GRAÇA FUTURA	31
CAPÍTULO 1: A ética do devedor: Devemos tentar restituir a Deus?	33
CAPÍTULO 2: Quando a gratidão não funciona bem	43
CAPÍTULO 3: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	53
Fé na graça futura <i>versus</i> ansiedade	
II. GRAÇA GRATUITA E FUTURA	65
CAPÍTULO 4: A vida que resta é graça futura	67
CAPÍTULO 5: O mais gratuito de todos os atos de Deus	77
CAPÍTULO 6: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	87
Fé na graça futura <i>versus</i> orgulho	
III. O LUGAR ESSENCIAL DA GRAÇA PASSADA	101
CAPÍTULO 7: Olhando para trás em favor do futuro.....	103
CAPÍTULO 8: A sólida lógica do céu	111
CAPÍTULO 9: Quatro pilares de uma promessa preciosa	119
CAPÍTULO 10: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	129
Fé na graça futura <i>versus</i> vergonha inapropriada	

IV. JANELAS PARA AS OBRAS DA FÉ	139
CAPÍTULO 11: Um caso de amor com a lei de Deus	141
CAPÍTULO 12: “Porei a minha lei no íntimo deles”	153
CAPÍTULO 13: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	165
Fé na graça futura <i>versus</i> impaciência	
V. A NATUREZA DA FÉ NA GRAÇA FUTURA	177
CAPÍTULO 14: O que protege a glória da graça soberana de Deus	179
CAPÍTULO 15: Um antegosto de beleza espiritual	191
CAPÍTULO 16: Satisfeitos com tudo que Deus é para nós em Jesus	203
CAPÍTULO 17: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	211
Fé na graça futura <i>versus</i> cobiça	
VI. GRAÇA FUTURA IMERECIDA E CONDICIONAL	221
CAPÍTULO 18: Como confiar em promessas condicionais	223
CAPÍTULO 19: Quantas condições há?	231
CAPÍTULO 20: O que somente a fé pode realizar	243
CAPÍTULO 21: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	253
Fé na graça futura <i>versus</i> amargura	
VII. O PODER SANTIFICADOR DA FÉ NA GRAÇA FUTURA	265
CAPÍTULO 22: Criando o amor na fábrica do desejo	267
CAPÍTULO 23: Amando o ministério mais que a vida	277
CAPÍTULO 24: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	289
Fé na graça futura <i>versus</i> desânimo	
VIII. A BATALHA CONTRA A INCREULIDADE NA GRAÇA FUTURA	299
CAPÍTULO 25: A batalha é tão fácil quanto deixar cair uma noz	301
CAPÍTULO 26: O pecado é pior que Satanás	309
CAPÍTULO 27: <i>Como aplicar o poder purificador</i>	317
Fé na graça futura <i>versus</i> lascívia	
IX. A FINALIDADE DA GRAÇA FUTURA	327
CAPÍTULO 28: A graça futura de sofrer	329
CAPÍTULO 29: A graça futura no morrer	339
CAPÍTULO 30: O renascimento da criação	355
X. ANSIANDO POR DEUS E VIVENDO PELA FÉ	367
CAPÍTULO 31: A dívida que tenho com Jonathan Edwards	369

Prefácio

Dedico este livro à minha mãe, morta num acidente de ônibus em Israel em 1974. Eu contava 28 anos quando ela morreu. Durante os últimos dez anos de sua vida, ela me escreveu em média uma vez por semana, primeiro quando eu estava na faculdade em Illinois, depois na Califórnia, durante os meus estudos no seminário, a seguir na Alemanha, na época do meu doutorado, e por fim em Minnesota, quando comecei o meu ministério de ensino. Ela era implacável no seu amor. Era muito raro vir uma carta sem uma citação das Escrituras. Ela já me havia saturado com a Palavra quando menino. Ela continuaria a me saturar como homem. De todos os textos citados por ela, um predominava. Acho que deve ter sido o predileto dela. Ao menos era o que ela considerava de maior necessidade para mim, Provérbios 3.5,6:

Confia no SENHOR de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas (RC).

Ao longo dos anos, descobri que esse trecho é um chamado à vida pela *fé na graça futura*. O chamado a viver pela fé está nas palavras: “Confia no SENHOR de todo o teu coração”. A referência à graça futura está nas palavras: “Ele endireitará as tuas veredas”. Mês após mês a minha mãe me encorajava a viver pela fé na graça futura. Ela me desafiou a confiar no Senhor e me mostrou que o foco da minha confiança é o que Deus prometeu fazer por mim no futuro: “Filho, o Senhor vai dirigir os seus caminhos; confie nele, confie nele”. Este livro é um tributo ao legado da exortação da minha mãe.

Ela me ensinou a viver a vida entre duas linhas do hino “Amazing Grace” (“Maravilhosa Graça”). A primeira linha: “É a graça que me trouxe até aqui”. A

segunda linha: “E é a graça que vai me levar para casa”. Antes que eu pudesse explicar, aprendi que crer na primeira linha fortalece a fé na segunda; e crer na segunda linha me capacita à obediência radical a Jesus. Este livro trata disso.

O livro também é uma evidência da graça derramada sobre mim por meio dos obreiros e presbíteros da Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Belém] de Mineápolis. Tenho sido amado, cuidado, lapidado e inspirado nessa comunidade durante 15 anos. Eles não me concederam de má vontade os períodos de solitude para pensar e orar e escrever. Eles refinaram minha compreensão enquanto eu ensinava este material nas noites de quarta-feira durante o ano escolar de 1994-1995. Eu os amo e aprecio o prazer de viver com eles pela fé na graça futura.

Jon Bloom, meu assistente e administrador de *Desiring God Ministries*, carrega um fardo pesado por mim e libera minha mente do peso esmagador de incontáveis detalhes. No entanto, o melhor é a paixão dele pela verdade a que servimos juntos — Deus é mais glorificado em nós quando nos sentimos mais satisfeitos nele.

A visão de Daniel Fuller da vida cristã como “obediência da fé” é o jardim em que as plantas das minhas ponderações têm crescido. Quase três décadas de diálogo sobre as questões neste livro deixaram uma marca profunda. Se eu tentasse demonstrar isso com notas de rodapé, estariam em quase todas as páginas. Sua obra principal, *The Unity of the Bible* (Zondervan, 1992), é o pano de fundo explicativo de quase tudo que escrevo.

Tom Schreiner, professor de Novo Testamento no Bethel Theological Seminary [Seminário Teológico Betel], de St. Paul, e colega na Bethlehem Church [Igreja Belém], tem sido um parceiro extraordinário neste projeto. Ele não só me ajudou a ensinar o material, mas também leu tudo, e me salvou de erros pelo olho exegético afiado.

Para grande alívio meu, Carol Steinbach se dispôs outra vez (acho que trabalhamos como parceiros já em cinco livros) e voluntariamente assumiu a tarefa de tornar o livro mais acessível por meio do índice de citações bíblicas. No processo, seu olho editorial salvou meu estilo na hora certa.

Editor, defensor, encorajador e amigo, Steve Halliday fez pressão suave para tornar o livro melhor. É imensa a dívida que tenho com ele por dez anos de parceria. Talvez o melhor seja o fato de que ele entende. Quando lê, capta as coisas.

Por fim, durante quase 27 anos, Noël esteve comigo na rigorosa e rude graça do casamento. Dependendo dela mais que qualquer pessoa possa imaginar.

Talvez a melhor forma de lhe agradecer seja por meio das seguintes linhas escritas para o Dia das Mães de 1995:

Antigamente eu sonhava sobre ficar velho,
 E me achegar ao teu coração por tanto tempo
 Até que o acolhesse no meu, como aquela velha nogueira
 No caminho do chalé, que depois de três,
 Quatro, ou talvez cinco décadas, se encostou
 Contra o arame da cerca, e descansou,
 Sem cessar, até que, sem uma gota de sangue,
 O cerne ficasse perfurado, e cada ponta se tornasse um botão em flor.

Agora, faltando pouco para meio século,
 E já há muito perfurado com bravia fidelidade,
 Eu sonho em ficar ainda mais velho,
 E agora, algum dia, do lado do moinho de Brightwood,
 Entre o córrego e o riacho, quatro filhos
 E suas fiéis esposas, e todos os seus pequenos,
 Se levantarão e abençoarão o apoio (? rocha) de veludo, em que eu,
 E eles, nos firmamos, e assim faremos até a partida.

PARTE UM

Um adversário da fé na graça futura

*Até quando [este povo] se recusará a crer em mim,
apesar de todos os sinais que realizei entre eles?*

NÚMEROS 14.11

A GRATIDÃO EXULTA NOS BENEFÍCIOS PASSADOS DE DEUS E DIZ À FÉ:
“ACEITE MAIS DESSES BENEFÍCIOS NO FUTURO, PARA QUE MINHA FELIZ OBRA
DE OLHAR PARA TRÁS PARA O LIVRAMENTO DE DEUS POSSA CONTINUAR”.

Capítulo 1

A ética do devedor: Devemos tentar restituir a Deus?

O QUE É GRATIDÃO?

Como a maioria das coisas preciosas, a gratidão é vulnerável. Com facilidade esquecemos que a gratidão existe porque às vezes as coisas nos vêm “grátis” — sem preço ou pagamento. Quando isso acontece, devemos manter um sentimento agradável do valor do que recebemos e da bondade por trás disso. Esse *sentimento agradável* é o que chamamos gratidão. Em seguida, surgindo espontaneamente desse sentimento agradável, vêm expressões de prazer. Sentimo-nos constrangidos a reconhecer com alegria o presente e a bondade por trás dele, e a expressar como nos sentimos bem sobre o presente e o coração do doador.

A gratidão corresponde à graça (“grátis”). Isso é verdade mesmo quando nos sentimos gratos por algo pelo que pagamos. Sentimos que o que compramos poderia ter sido frustrante apesar de termos o dinheiro para comprá-lo; ou talvez poderia não ter estado em tão boas condições; ou talvez poderia não ter sido exatamente o que queríamos; ou alguém poderia tê-lo comprado antes de nós; ou a transação poderia ter sido áspera; ou o tempo talvez poderia não ter sido o ideal para o uso; ou o preço poderia ter subido já depois que o compramos. Em outras palavras, a gratidão não é o sentimento de que fomos espertos na forma como obtivemos as coisas. É a emoção que surge alegremente em reação a algo “grátis”, mesmo nas nossas compras.

O NASCEDOURO DA ÉTICA DO DEVEDOR

Mas exatamente nesse ponto espreita um perigo. Há um impulso no coração humano caído — no coração de todos nós — para esquecer que a gratidão é uma reação espontânea de alegria quando se recebe algo mais valioso do que pagamos. Quando esquecemos isso, começa a ocorrer o abuso e a distorção da

gratidão, como o impulso de pagar justamente pela coisa que nos veio “grátis”. Esse momento terrível é o nascedouro da “ética do devedor”.

A ética do devedor diz: “Porque você fez algo bom para mim, sinto-me devedor de fazer algo para você”. Esse impulso *não* é o que a gratidão tinha em mente produzir. Deus queria que a gratidão fosse uma expressão espontânea de prazer na dádiva e na bondade de outra pessoa. Ele não queria que fosse o impulso de retribuir um favor. Se a gratidão é distorcida em um sentimento de dívida, dá origem à ética do devedor — e o efeito é a anulação da graça.

Não me entenda mal. A gratidão em si não anula a graça. Ela exulta na graça. Ela foi criada por Deus para fazer eco da graça. Até a simples idéia de que possa ser distorcida para servir o mal choca algumas pessoas e faz com que requeiem assustadas. Para que ninguém se engane, eu exalto a gratidão como a reação bíblica crucial do coração à graça de Deus. A Bíblia ordena a gratidão a Deus como uma das mais nobres responsabilidades. “Entrem por suas portas com *ações de graças*, e em seus átrios com louvor; dêem-lhe *graças* e bendigam o seu nome” (Salmos 100.4). Deus diz que a gratidão o *honra*: “Quem me oferece sua gratidão como sacrifício, *honra-me*” (Salmos 50.23). Apesar de ser vulnerável ao abuso na ética do devedor, a gratidão não é culpada.

Todos sabemos o que é a ética do devedor, mesmo que nunca a chamamos assim. Suponha que você me convide para jantar. Estará certo em imaginar que eu sinta gratidão. Mas como é fácil distorcermos essa reação espontânea de alegria no impulso de retribuir. Você me fez um convite, e agora eu lhe *devo* um. Quando nossa virtude — em direção a outras pessoas, ou em direção a Deus — nasce desse sentimento de “querer retribuir”, estamos nas garras da ética do devedor.

O que aconteceu de errado? Não está errado sentir gratidão quando alguém nos dá um presente. O problema começa com o impulso de que agora nós *estamos devendo* um “presente”. O que esse sentimento faz é transformar presentes em moeda legítima. Sutilmente o presente já não é presente, mas uma transação comercial. E o que foi oferecido como graça gratuita é anulado pela gratidão distorcida.

DEVEMOS RETRIBUIR A DEUS?

É extraordinária a grande difusão e a durabilidade da ética do devedor entre os cristãos. Recentemente ouvi um famoso líder evangélico pregar um sermão de grande impacto acerca da necessidade de os estado-unidenses recuperarem o sentimento de obediência e devoção para com Cristo. Ele usou uma ilustração tremenda acerca da abnegação sacrificial. Mas sua explanação da dinâmica espiritual do sacrifício se concentrou unicamente na gratidão por aquilo que Cristo

fez. Fiquei sentado ali esperando ouvir uma palavra substancial acerca do papel essencial da *esperança* como poder sustentador da nossa entrega e sacrifício. Mas ela não veio.

Essa maneira de motivar a obediência e a devoção parece inofensiva, até nobre. Seu apelo é fortíssimo. Expressa-se em palavras que quase estão acima de qualquer crítica. Por exemplo, ela talvez diga: “Deus fez tanto por você; agora o que você vai fazer por ele?”. Ou: “Ele lhe deu a própria vida; agora o quanto você vai dar a ele?”. O refrão do antigo hino de Frances Havergal “Morri na cruz por ti” é linguagem perigosa. Nele, Cristo diz: “Morri, morri, na cruz por ti, que fazes tu por mim?”. E (no refrão em inglês): “Eu trouxe ricas dádivas para ti, o que trazes para mim?”. Não quero dizer que frases como essas *necessariamente* expressem a ética do devedor. Só estou tentando dizer que elas facilmente podem expressá-la, e com frequência o fazem.

Na ética do devedor a vida cristã é retratada como o esforço de retribuir a dívida que temos com Deus. Geralmente se faz a concessão de que nunca poderemos pagar tudo. Mas a “gratidão” exige que nos esforcemos nisso. As boas obras e as ações religiosas são os pagamentos feitos em parcelas de uma dívida infinita que temos com Deus. Essa ética do devedor muitas vezes está — talvez até de forma involuntária — por trás das palavras: “Devemos obedecer a Cristo *por gratidão*”.

O apelo à gratidão como meio de motivar os cristãos é tão comum que pode até chocar algumas pessoas quando pergunto se há muita base bíblica para isso. Mas considere por um minuto. Quantos textos bíblicos vêm à sua mente sobre a citação *explícita* da gratidão ou do reconhecimento como motivação para o comportamento moral? Estou falando de comportamentos como tratar as pessoas com amor, fazer os negócios com integridade, e assumir riscos na obediência ao chamado missionário. A Bíblia nos diz que essas coisas devem ser feitas “por gratidão”, ou “no poder do reconhecimento” ou “porque devemos tanto a Jesus”?

Isso não é detalhismo ou algo incidental; é impressionante. Se você perguntar aos cristãos hoje: “Qual é a razão bíblica para a obediência cristã?”, muitas pessoas vão dizer: “Gratidão a Deus”. Contudo, essa forma de pensar parece estar quase totalmente ausente na Bíblia. É raro a Bíblia fazer explicitamente da gratidão o impulso para o comportamento moral — se é que o faz — ou da ingratidão a explicação para a imoralidade.

Se você parar para pensar, isso é atordoante. Esse meio tão comum de falar da motivação da obediência cristã é raramente mencionado na Bíblia. Esse fato

é como um soco no estômago; é de tirar o fôlego. Isso é verdade mesmo? Você vai precisar fazer a sua própria pesquisa para ter certeza total.

O PROBLEMA FOI A INGRATIDÃO?

No Antigo Testamento, o povo de Deus com frequência pecava contra ele apesar de todas as coisas boas que ele lhes fazia. Mas a razão dada para o pecado não era a *ingratidão*, mas, por exemplo, a falta de *fé*: “Até quando [este povo] se recusará a crer em mim, apesar de todos os sinais que realizei entre eles?” (Números 14.11). O problema ético que incomoda Moisés não é a ingratidão. O que o importuna é a graça divina passada não motivar o povo a *confiar* na graça futura de Deus. Fé na graça futura, e não gratidão, é a força ética que falta para vencer a rebelião e motivar a obediência.

Justo quando os cristãos de hoje provavelmente diriam que o problema foi falta de gratidão, os autores bíblicos repetidamente dizem que o problema é a falta de *fé* na graça futura de Deus. Moisés repreende o povo: “Vocês viram como o SENHOR, o seu Deus, os carregou, como um pai carrega seu filho [...]. Apesar disso, vocês não confiaram no SENHOR, o seu Deus” (Deuteronômio 1.32,32).

O salmista apresenta a mesma razão para explicar por que o povo de Deus pecou apesar de todas as bênçãos dele: “Fendeu as rochas no deserto e deu-lhes tanta água como a que flui das profundezas [...]. Mas contra ele continuaram a pecar [...] pois eles não creram em Deus nem confiaram no seu poder salvador” (Salmos 78.15,17,22).

É verdade que deve ter faltado gratidão a esse povo desobediente. Mas não é essa a razão que a Bíblia oferece para a rebelião e desobediência deles. Repetidamente a explicação dada é falta de fé na graça futura de Deus. O canal ausente do poder motivador entre a graça passada e a obediência futura não foi o da gratidão voltada para o passado, mas o da fé voltada para o futuro. Você perderá seu tempo se tentar ler o Antigo Testamento à procura de textos que façam da gratidão a força ou o fator motivador explícito da obediência.

O TEMOR DO SENHOR E A FÉ NA GRAÇA FUTURA

Há ainda outras razões para a obediência no Antigo Testamento, como o amor por Deus e o temor por ele. Trataremos nos capítulos seguintes da relação entre a fé na graça futura e o amor por Deus.¹ Mas este é um bom lugar para uma palavra acerca do temor ao Senhor e de sua relação com a obediência e a fé na graça futura.

Moisés ensinou a Israel que o temor ao Senhor resultaria na obediência: “Desse modo vocês, seus filhos e seus netos temerão o SENHOR, o seu Deus, e obedecerão a todos os seus decretos e mandamentos” (Deuteronômio 6.2). Salomão resumiu o próprio ensino em Eclesiastes desta forma: “Agora que já se ouviu tudo, aqui está a conclusão: *Tema* a Deus e obedeça aos seus mandamentos” (Eclesiastes 12.13). Neemias disse aos nobres e governantes de Jerusalém que deviam “*andar* no temor do nosso Deus” (Neemias 5.9). E Provérbios 23.17 diz: “Melhor será que *tema* sempre o SENHOR”. O “andar” correto e a “vida” correta brotam do temor a Deus. Mas que eu saiba, não há expressões correspondentes a essas que associem a gratidão e a obediência da mesma forma.

E até essas expressões acerca do temor ao Senhor provavelmente sejam o outro lado da mesma moeda que é confiar na graça futura do Senhor.² Em outras palavras, “tema ao Senhor” significa “tema o terrível insulto que seria para Deus se você não confiasse nas generosas promessas de poder e sabedoria a seu favor”. Provavelmente seja por isso que Salmos 115.11 diz: “Vocês que temem o SENHOR, confiem no SENHOR! Ele é o seu socorro e o seu escudo”. Em outras palavras, se o temor não está combinado com a confiança, não será agradável ao Senhor. “Sem fé é impossível agradecer a Deus” (Hebreus 11.6). A obediência que vem do temor a Deus *sem fé na graça futura* não será livre, mas servil.

A conectividade entre temor e fé talvez seja a razão de as pessoas olharem para a graça dada a Davi na angústia, e sentirem temor e confiança brotando lado a lado no coração. “Pôs um novo cântico na minha boca, um hino de louvor ao nosso Deus. Muitos verão isso e temerão, e confiarão no SENHOR” (Salmos 40.3). A mesma coisa aconteceu no mar Vermelho. “Israel viu o grande poder do SENHOR contra os egípcios, temeu o SENHOR e pôs nele a sua confiança” (Êxodo 14.31). O temor e a fé ocorrem juntos na reação ao grande poder de Deus e à sua promessa de graça futura.

Temer o Senhor é tremer diante da percepção de como é terrível o insulto ao Deus santo se não tivermos fé na graça futura depois de todos os sinais e maravilhas realizados para conquistar nossa confiança e obediência. É essa fé na graça futura que canaliza o poder de Deus à obediência. Buscamos o Antigo Testamento em vão se queremos encontrar o ensino explícito de que a gratidão é o canal desse poder.

CUMPRE OS SEUS VOTOS PARA COM O ALTÍSSIMO

Uma exceção possível a essa observação no Antigo Testamento é o ensino de que devemos “cumprir nossos votos” a Deus. Pensar nessa “exceção” me levou a me aprofundar na relação entre a gratidão e a fé na graça futura.

O PODER PURIFICADOR
DE SE VIVER PELA FÉ NA

GRAÇA FUTURA

Corte a raiz do pecado!

Ninguém peca por obrigação. Pecamos porque queremos. O pecado promete felicidade, e nós compramos a mentira. Assim, como pode a raiz do pecado ser cortada na nossa vida? A pena do pecado precisa ser paga pelo justo sangue de Cristo. E o poder do pecado precisa ser quebrado pela fundamentação nas promessas de Cristo.

As meditações de John Piper estão firmadas na rocha da sólida reflexão bíblica. Capítulo após capítulo — um para cada dia do mês — ele revela como, por meio da apreciação e valorização das promessas de Deus, você pode quebrar o poder da ansiedade, do desânimo, da cobiça, da lascívia, da amargura, da impaciência, do orgulho, da vergonha inapropriada e de outras coisas.

Shedd
publicações

ISBN: 978-85-88315-83-9

